



**REPÚBLICA  
PORTUGUESA**

MINISTRO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

## **A Viagem de Circum-Navegação como inspiração para agir hoje**

**Augusto Santos Silva**

**Ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal**

**Intervenção na sessão de apresentação das comemorações luso-espanholas do  
Quinto Centenário da Viagem de Circum-Navegação, Madrid-Lisboa, 1 de abril de  
2019**

1.

Entre 1519 e 1522 ocorreu a Viagem de Circum-Navegação. Pela primeira vez na história da humanidade, uma expedição realizou a travessia marítima de três grandes oceanos, o Atlântico, o Pacífico e o Índico, voltando ao mesmo ponto de que partira, Sanlúcar de Barrameda. Começaram cinco navios e, três anos depois, a nau Victoria completou a viagem. Partiram 239 homens, regressaram 18.

A expedição foi organizada e financiada pelo Reino de Espanha, por proposta de um navegador português, Fernão de Magalhães. Este queria demonstrar que era possível chegar às Ilhas Molucas, ricas em especiarias, que supunha estarem localizadas no hemisfério que o Tratado de Tordesilhas havia atribuído aos espanhóis, por uma rota alternativa àquela dominada por Portugal. Ao comando da frota, Magalhães descobriu a passagem do Atlântico Sul para o Pacífico, através do estreito que leva o seu nome, e fez de uma só vez a travessia do Pacífico, até às Molucas. São dois feitos notáveis de navegação e liderança. Morto Magalhães num recontro militar na ilha de Mactan, o comando da expedição foi atribuído a outros oficiais, o último dos quais, Sebastián Elcano, decidiu regressar a Espanha pelo Índico, concluindo assim a volta ao mundo. Seguiu uma rota bem ao sul, evitando os barcos portugueses que dominavam a rota mais conhecida e perto da costa, o que constituiu outro feito notável de navegação e liderança.

A decisão e os capitais empenhados na expedição eram espanhóis. O conhecimento que ela mobilizou provinha da cultura árabe, judaica e europeia, e foi desenvolvido por italianos, espanhóis e portugueses. Os comandantes, pilotos e marinheiros participantes provinham de uma dezena de nacionalidades diferentes. Foi um italiano, Antonio Pigafetta, o seu cronista. E a rota atravessou o que hoje equivaleria a 11 países: Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, na América do Sul; Filipinas, Indonésia, Timor-Leste e Brunei, no Sudeste Asiático; Moçambique, África do Sul e Cabo Verde, em África.

São todos estes factos e o seu significado para a história da humanidade que queremos celebrar. Mas de uma maneira precisa: como uma inspiração para nós, hoje, face ao mundo que nos rodeia e às questões que ele enfrenta.

2.

É certo que cada país, cada cultura nacional, cada instituição tenderá a interpretar e a valorizar a Viagem à sua maneira, realçando contribuições específicas e assinalando o relevo particular na respetiva história. É também certo que o apuramento dos factos, a explicação dos contextos e a determinação dos efeitos continuam a ser matéria de investigação e debate científico e intelectual, a cargo dos especialistas e suas comunidades. O quinto centenário deve ser ocasião para estimular e apoiar este conhecimento, respeitando as condições de rigor e independência que lhe são inerentes. Por sua vez, as diferentes comemorações nacionais, regionais e locais assumirão os aspetos e propósitos que melhor pareçam aos promotores e melhor se enquadrem nas suas memórias, tradições e simbologias.

Falamos agora de outro plano, complementar aos anteriores mas não subsumível neles. Trata-se, por um lado, de celebrar um feito técnico, científico, económico e militar para que convergiram múltiplas iniciativas, saberes e protagonistas e que tocou países e culturas dos dois hemisférios e de quatro continentes – um dos maiores feitos da chamada primeira globalização. E trata-se, por outro lado, de procurar nele ensinamentos e orientações para a ação coletiva contemporânea, no quadro da revolução tecnológica e comunicacional e do processo de globalização que hoje vivemos.

Por isso decidiram os Governos de Espanha e Portugal, ao mesmo tempo que delineavam distintos programas comemorativos nacionais, estabelecer também um

programa conjunto de comemoração. De que fazem parte a apresentação da candidatura da Rota da Circum-Navegação a Património Cultural da Humanidade, a replicação da Viagem pelos navios-escola das duas Armadas, a coorganização de uma grande exposição cultural itinerante, a produção de uma série televisiva, a realização de um estudo conjunto entre os Institutos Cervantes e Camões sobre o valor das duas línguas, espanhola e portuguesa, e a participação de Portugal como país convidado na Feira de Sevilha. Os dois países estabelecem também a cooperação entre as respetivas embaixadas nas atividades celebrativas a ter lugar nos demais países da Rota. Mas talvez a atividade que mais plenamente marque o significado desta parceria entre os nossos países venha a ser a conferência internacional “Oceanos, Conhecimento e Globalização”, a realizar, em Portugal e Espanha, no primeiro semestre de 2021.

Ela combinará dois segmentos: um envolvendo a sociedade civil, com destaque para o mundo académico e o sistema de tecnologia e inovação; e outro político, com representantes de Estados, ao nível dos respetivos poderes executivos, e com foco particular nos países unidos pela Rota (europeus, sul-americanos, asiáticos e africanos), além de representantes de organizações internacionais com ação na área temática em causa. A preparação da Conferência será dirigida por dois comissários, espanhol e português, copresidindo a uma comissão organizadora conjunta. As sessões terão lugar em Portugal e Espanha, no primeiro semestre de 2021. Espera-se da Conferência um acervo de conhecimentos e saberes-fazer, que possa informar e qualificar as práticas humanas na sua relação com os oceanos e a globalização, assim como uma declaração política que valorize orientações de política pública e de cooperação internacional nestes domínios.

3.

A ideia é simplesmente beneficiar da Circum-Navegação como fonte de inspiração para pensar, hoje, o futuro dos oceanos e o futuro da globalização. Na verdade, o feito de Magalhães e Elcano pôs em cristalina evidência a unidade do Planeta e da humanidade que o habita; o valor, para a ação social, das ideias e do conhecimento, da ciência e da tecnologia; o poder criador da abertura à inovação e ao risco; a importância da mobilização internacional, juntando num esforço comum gentes de diversos países, culturas e nacionalidades; e a enorme riqueza dos oceanos como recurso coletivo. Ora,

de todos estes elementos precisamos hoje, e por isso faz sentido comemorar conjuntamente a expedição de há 500 anos com os olhos postos no presente. Porque precisamos de compreender bem que a Terra é a nossa casa comum; que todos formamos uma mesma e só Humanidade; que temos de cuidar dos seus recursos, em particular dos mares e oceanos; que para tal necessitamos de ciência e de inovação, de conhecimento e de iniciativa, o que só se consegue com o concurso de muitos, de variada origem, pertença, condição e inclinação; e que é exatamente isto o que queremos pôr em prática quando valorizamos as grandes agendas, instituições e projetos multilaterais, designadamente em torno do desenvolvimento sustentável, da mudança climática, da conectividade, do comércio e investimento justo, da circulação das pessoas e dos saberes. O que Magalhães começou e Elcano concluiu é um bom ponto de partida para esta nossa tarefa de agora, que é vasta e instante.

Temos de conhecer melhor o contexto, os meios e os resultados do que fizeram – e por isso é tão importante a vertente científica das comemorações. Temos também de divulgar melhor, para que todos o saibamos – e daí as viagens dos navios-escola, as exposições, os filmes e séries, os programas junto das escolas. Temos de assumir integralmente a natureza universal do seu feito – e daí a candidatura a Património da Humanidade. E temos ainda de tirar benefício da história, da imagem e da marca da Viagem para a promoção económica, turística, internacional de países, regiões, localidades, rotas e ligações, o que, julgo, ninguém contestará.

Entendemos, porém, nós os responsáveis pelas comemorações oficiais nas duas nações ibéricas – e sabemos já que somos acompanhados por muitos responsáveis de outros países da Rota, que também querem valorizar a dimensão universal da Viagem – que podemos e devemos interpretar Magalhães e Elcano como base de partida para pensar a regulação da globalização e o aproveitamento cooperativo e sustentável dos recursos comuns da Humanidade. Não como pretexto, e sim como fonte de inspiração. Não para uma celebração mais ou menos ritual, e sim como uma ocasião para pensarmos o futuro dos oceanos e de outros recursos comuns, como ele deve ser pensado: a partir do conhecimento, em cooperação internacional (Norte-Sul, Sul-Norte e Sul-Sul), com agendas claras e responsabilidades partilhadas, implicando as academias, os centros de inovação e as instituições políticas, olhando para o futuro que começa hoje.